



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – ESCRITOR JOSÉ LINS DO RÊGO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA**

NÁTHALYA D’HERVELLYN RABELO DE BARROS ARAUJO

**A DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS SOBRE MULHERES NO TIKTOK E SEUS
EFEITOS PSICOSSOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS COMO
REGISTROS INFORMACIONAIS DIGITAIS E AS CONTRIBUIÇÕES DA
ARQUIVOLOGIA**

**JOÃO PESSOA
2025**

NÁTHALYA D'HERVELLYN RABELO DE BARROS ARAUJO

**A DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS SOBRE MULHERES NO TIKTOK E SEUS
EFEITOS PSICOSSOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS COMO
REGISTROS INFORMACIONAIS DIGITAIS E AS CONTRIBUIÇÕES DA
ARQUIVOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade de Monografia, apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como sendo requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Arquivologia no semestre 2025.1.

Área de concentração: Saberes e fazeres Arquivísticos - Linha 1.

Orientadora: Prof. Dra. Andréa Xavier de Albuquerque de Souza.

**JOÃO PESSOA
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663d Araújo, Nathalya Dhervellyn Rabelo de Barros.

A disseminação de fake news sobre mulheres no tiktok e seus efeitos psicossociais: uma análise dos comentários como registros informacionais digitais e as contribuições da arquivologia [manuscrito] / Nathalya Dhervellyn Rabelo de Barros Araújo. - 2025.

49 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Andrea Xavier de Albuquerque de Souza, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas".

1. Arquivologia. 2. Estereótipos negativos de gênero. 3. Fake News. 4. Saúde mental. 5. TikTok. I. Título

21. ed. CDD 020

NATHALYA DHERVELLYN RABELO DE BARROS ARAUJO

A DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS SOBRE MULHERES NO TIKTOK E SEUS
EFEITOS PSICOSSOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS COMO
REGISTROS INFORMACIONAIS DIGITAIS E AS CONTRIBUIÇÕES DA
ARQUIVOLOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Arquivologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharela em Arquivologia

Aprovada em: 06/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Andrea Xavier de Albuquerque de Souza** (***.476.054-**), em 16/06/2025 14:30:31 com chave 9a62d2444ad711f0992a2618257239a1.
- **Viviane Barreto Motta Nogueira** (***.143.354-**), em 16/06/2025 16:11:54 com chave c3c9ab544ae511f0994e06adb0a3afce.
- **Ismaelly Batista dos Santos Silva** (***.960.154-**), em 16/06/2025 14:50:32 com chave 662832144ada11f088ed1a1c3150b54b.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 16/06/2025

Código de Autenticação: 7116aa



Dedico esta conclusão à minha família, em especial à minha irmã e à minha mãe, em espírito e pensamento, por todo o apoio e incentivo.

Esse trabalho dedico a minha mãe Katia Rabelo (in memoriam)

MENSAGEM PSICOGRAFADA DE KATIA RABELO

TUDO PASSA

Todas as experiências são válidas e além disso são portadoras de grande ensinamento para o ser humano. As coisas ruins ocorrem com todo mundo, minha filha. Afinal, fatos desagradáveis ou que nos fazem sofrer acontecem todo o tempo e com todas as pessoas. Não há ninguém imune a ocorrências difíceis ou complicadas.

AGRADECIMENTOS

É com grande felicidade e gratidão que agradeço por todos os aprendizados e obstáculos que essa jornada me trouxe. Minha profunda gratidão a todos que estiveram comigo, seja de perto ou em pensamento.

Primeiramente, minha eterna gratidão vai para meu anjo de luz, minha mãe, Katia Rabelo, fonte inesgotável de amor e sabedoria.

Ao meu pai, pela dedicação e apoio que sempre me ofereceu.

À minha avó, Dona Penha, cujo amor e sabedoria iluminam meu caminho.

Minha irmã, Thamires, seu apoio e incentivo me impulsionaram a seguir em frente.

À minha tia Ana, pelo seu carinho e generosidade.

À minha prima Jessika, pelo incentivo e companheirismo incansáveis.

A minha companheira Talita, que se tornou meu refúgio nos momentos de pressão. Sou imensamente grata por todo o amor, carinho, apoio e cuidado.

À minha orientadora Andréa, uma mulher guerreira, forte e inspiradora. Sou eternamente grata por toda a atenção, cuidado.

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite.”
Simone de Beauvoir.

RESUMO

Na contemporaneidade digital, plataformas como o *TikTok* consolidam-se como ambientes informacionais centrais, nos quais a circulação de *Fake News* e conteúdos misóginos impactam diretamente a saúde mental das mulheres. Esta pesquisa tem como objetivo investigar a circulação de comentários no *TikTok* enquanto registros digitais, com foco na autenticidade das informações, para compreender seu papel na disseminação de *Fake News* e na reprodução de estereótipos negativos de gênero que impactam a saúde mental das mulheres, à luz da Arquivologia. A metodologia adotada é de natureza básica, com abordagem qualitativa e caráter exploratório. Quanto aos procedimentos técnicos, foram adotadas a pesquisa bibliográfica para embasamento teórico e a coleta de comentários publicados no *TikTok* relacionados ao universo feminino, no qual foram analisados por meio da técnica de análise de assunto, permitindo identificar padrões de desinformação, discursos misóginos e formas de violência de gênero. Essa abordagem foi essencial para compreender como tais registros digitais contribuem para a construção de narrativas tóxicas que afetam negativamente a autoestima e o bem-estar psicológico das mulheres. A Arquivologia, neste contexto, oferece subsídios para refletir sobre a autenticidade, curadoria e preservação de documentos digitais, destacando seu papel frente aos desafios informacionais em ambientes digitais no contemporâneo. Conclui-se que é necessário fortalecer práticas arquivísticas na gestão da informação digital, visando o enfrentamento à desinformação e à violência de gênero, bem como a promoção de ambientes informacionais mais saudáveis e inclusivos.

Palavras-Chave: Arquivologia, Estereótipos negativos de gênero, *Fake News*, Saúde mental, *TikTok*.

ABSTRACT

In the contemporary digital age, platforms such as TikTok have established themselves as central informational environments, in which the circulation of Fake News and misogynistic content directly impacts women's mental health. This research aims to investigate the circulation of comments on TikTok as digital records, focusing on the authenticity of the information, in order to understand their role in the dissemination of Fake News and the reproduction of negative gender stereotypes that impact women's mental health, in light of Archival Science. The methodology adopted is basic in nature, with a qualitative approach and an exploratory nature. As for the technical procedures, bibliographic research was adopted for theoretical basis and the collection of comments published on TikTok related to the female universe, which were analyzed using the subject analysis technique, allowing the identification of patterns of misinformation, misogynistic discourses and forms of gender violence. This approach was essential to understand how such digital records contribute to the construction of toxic narratives that negatively affect women's self-esteem and psychological well-being. In this context, archival science offers support for reflection on the authenticity, curation and preservation of digital documents, highlighting its role in addressing informational challenges in contemporary digital environments. It is concluded that it is necessary to strengthen archival practices in the management of digital information, aiming to combat misinformation and gender-based violence, as well as to promote healthier and more inclusive informational environments.

Keywords: Archival science, Negative gender stereotypes, *Fake News*, Mental health, *TikTok*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Tiktok @Petistasicera</i>	19
Figura 2 – <i>Tiktok #Mulheres</i>	25
Figura 3 - <i>Tiktok @NaçãoegraBrasil2</i>	30
Figura 4 – <i>TikTok @Nsvideo2</i>	31
Figura 5 – <i>TikTok @AnaCarla</i>	37
Figura 6 – <i>TikTok @joãocarlos</i>	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Fontes de Informação: Da Mídia Tradicional ao Digital	16
2.2 Arquivologia na Era das Plataformas	21
2.3 Fake News e Seus Efeitos Psicológicos no Contexto Feminino	24
2.4 Gênero e Disseminação de #FakeNews no Tiktok	27
2.5 Gênero, Estereótipos e Comentários no TikTok	29
2.6 Combate à Fake News e Alfabetização Midiática de Gênero	32
3 METODOLOGIA	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Na era digital contemporânea, a informação se tornou um dos principais pilares na construção e disseminação do conhecimento e na formação de opiniões. Com o avanço das tecnologias e o uso massivo das plataformas digitais, a exemplo do *TikTok*, emergiram espaços centrais de disseminação de conteúdo, influenciando comportamentos, percepções e identidades. Ao mesmo tempo, a facilidade e a velocidade com que as informações circulam nesses ambientes têm ampliado a propagação das chamadas *Fake News* (notícias falsas), que afetam diretamente o modo como as pessoas compreendem e interagem com o mundo ao seu redor. Neste cenário, destaca-se a vulnerabilidade de grupos sociais específicos, como as mulheres, que são frequentemente alvos das *Fake News* que reforçam estereótipos negativos de gênero, que prejudicam sua imagem pública e impactam sua saúde mental¹.

Dessa forma, a escolha da plataforma digital *TikTok* justificou-se por sua ampla visibilidade e elevado índice de utilização, especialmente entre os jovens, configurando-se como um espaço marcado por um intenso fluxo de publicações. Neste cenário, essa plataforma passou a exercer um papel significativo na reprodução e contestação de narrativas sociais relacionadas ao papel da mulher na sociedade. Suas dinâmicas de interação e circulação de conteúdo contribuem para fortalecer ou questionar estereótipos negativos historicamente associados às figuras femininas.

Vale destacar, que antes do advento das tecnologias digitais, as mulheres já eram alvo de preconceitos que geravam estereótipos e representações sociais negativas sobre elas. Para Flores e Richartz (2020), antes mesmo do surgimento das plataformas digitais, a mulher já era alvo de estereótipos negativos de gênero amplamente difundidos na sociedade. No entanto, no presente estudo, considera-se que o ambiente digital intensificou a disseminação de informações falsas, impactando especialmente as mulheres, que continuam sendo retratadas de forma estereotipada, agora em novas formas e com maior alcance.

Observou-se que o *TikTok* atua como um agente na perpetuação de estereótipos negativos de gênero sobre as mulheres, ao não impor restrições a comentários que objetifica o corpo feminino e reforça padrões estéticos limitadores. Tal representação contribui para a construção de um ambiente hostil, com potenciais repercussões negativas na saúde mental.

¹ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2013-2020), Saúde Mental pode ser considerada um estado de bem-estar vivido pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades pessoais para responder aos desafios da vida e contribuir com a comunidade. trata-se de uma condição que permite ao indivíduo desenvolver suas habilidades pessoais para enfrentar os desafios cotidianos e contribuir positivamente para a comunidade, promovendo bem-estar e resiliência.

Com isso, no contexto do *TikTok*, os comentários nas publicações desempenham um papel significativo na disseminação de Fake News, alimentando dinâmicas que afetam emocional e psicologicamente o público feminino, reforçando estigmas e promovendo discursos prejudiciais.

De acordo com Monteiro (2020), o *TikTok* foi lançado em 2014 sob a denominação de Musical.ly, desenvolvido por uma empresa chinesa como uma plataforma para sincronização de vídeos e músicas pelos usuários, e em 2016, a companhia foi adquirida pela ByteDance, que na época já possuía um aplicativo semelhante chamado Douyin. A alteração do nome, com uma nova sonoridade pragmática, resultou no lançamento global da plataforma *TikTok* ainda no mesmo ano.

A pergunta central que norteia este trabalho é: De que maneira os comentários no *TikTok*, enquanto registros informacionais digitais, contribuem para a disseminação de *Fake News* e estereótipos negativos de gênero que impactam a saúde mental das mulheres, e como esses registros podem ser analisados criticamente na perspectiva da Arquivologia? A partir dessa indagação, o objetivo geral da pesquisa é: investigar a circulação de comentários no *TikTok* enquanto registros digitais, com foco na autenticidade das informações, para compreender seu papel na disseminação de Fake News e na reprodução de estereótipos negativos de gênero que impactam a saúde mental das mulheres, à luz da Arquivologia. Para alcançar esse objetivo geral, definem-se os seguintes objetivos específicos: 1. Definir a partir da literatura científica, o conceito de Fake News e compreender seus mecanismos de produção e propagação no *TikTok*, com ênfase nos vídeos e comentários como registros informacionais; 2. Identificar, nos comentários de vídeos do *TikTok*, os tipos de conteúdo recorrentes relacionados às mulheres e analisar como esses conteúdos podem reforçar estereótipos negativos de gênero e contribuir para efeitos psicossociais; 3. Analisar o papel da Arquivologia diante dos comentários do *TikTok*, considerando os desafios relacionados aos registros marcados pela *Fake News* e os estereótipos negativos de gênero.

Esta pesquisa se justifica pela relevância de articular contribuições interdisciplinares entre a Registros Informacionais Digitais, os Estudos de Gênero e a Arquivologia², áreas fundamentais para compreender os desafios contemporâneos da informação digital. Considerando a informação como um bem essencial à cidadania e ao exercício do pensamento crítico, torna-se imprescindível refletir sobre a veracidade, a origem e os impactos da

²Arquivologia é a disciplina que tem por objetivo o conhecimento da natureza dos arquivos e das teorias, métodos, técnica a serem observados na sua constituição, organização, desenvolvimento e utilização (SOUZA, 2010, p. 07).

informação, especialmente em plataformas digitais como o *TikTok*, onde a circulação de dados muitas vezes ocorre sem controle rigoroso sobre sua autenticidade e contexto.

Conforme destaca Couto (2009), os princípios arquivísticos de autenticidade ganham maior importância no ambiente digital, marcado pela rápida disseminação de informações cuja origem e responsabilidade são frequentemente obscuras. Neste contexto, a Arquivologia contribui significativamente para as discussões acerca da credibilidade das informações veiculadas nas plataformas digitais, permitindo uma análise mais aprofundada do fluxo informacional, do registro e da (re)significação das informações nas plataformas digitais.

Do ponto de vista social, esta investigação busca fomentar a reflexão sobre a urgência em combater a disseminação de *Fake News* nas plataformas digitais e a necessidade de proteger a saúde mental das mulheres diante desse fenômeno. Pois as *Fake News* que desqualificam ou atacam a imagem, o comportamento e a identidade feminina têm um impacto profundo na saúde mental das mulheres, podendo agravar quadros de ansiedade, baixa autoestima, depressão e outros transtornos psicológicos. A presença recorrente de conteúdos misóginos e violentos nas plataformas digitais contribui para a reprodução de desigualdades estruturais. Nesse cenário, a Arquivologia tem um papel crucial ao analisar como esses registros informacionais são produzidos, disseminados e preservados, possibilitando a formulação de estratégias que promovam ambientes digitais mais éticos, inclusivos e saudáveis.

Tendo em vista, que no contemporâneo, muitos cenários são marcados pela rápida circulação de registros informacionais em ambientes digitais, a Arquivologia é desafiada a se debruçar e analisar, com base em seus fundamentos conceituais e metodológicos, a intensa disseminação de conteúdos desinformativos. A gestão arquivística desses registros, especialmente em plataformas como *TikTok*, torna-se fundamental para preservar sua autenticidade, garantir o acesso confiável à informação e combater a proliferação de *Fake News*. Essa atuação é ainda mais urgente quando se considera o impacto psicológico que narrativas manipuladas exercem sobre determinados grupos sociais, como as mulheres. Mesmo quando conscientes dos danos causados por essas mensagens, muitas continuam vulneráveis aos seus efeitos emocionais inconscientes, como a busca por aceitação, conforme descrito por Young et al. (2009). Ao confrontarem seus corpos e vivências com padrões idealizados difundidos por tais conteúdos, alimenta-se um ciclo de sofrimento emocional e autocrítica. Assim, torna-se evidente que a atuação arquivística sobre os registros informacionais digitais não é apenas uma questão técnica, mas também uma estratégia de promoção da saúde mental e da cidadania informacional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Fontes de Informação: Da Mídia Tradicional ao Digital

A história das mídias tradicionais no Brasil e no mundo está intimamente ligada à invenção da imprensa por Gutenberg no século XV, evento considerado um marco na democratização do acesso à informação (Souza et al, 2025). A imprensa viabilizou a produção elevada de livros e jornais, estabelecendo as bases para o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa que se consolidaram nos séculos seguintes. Durante os séculos XIX e XX, veículos como jornais impressos, rádio e televisão emergiram como as principais fontes de disseminação da informação, estruturando um fluxo comunicativo predominantemente unidirecional, no qual os consumidores exerciam um papel passivo (Marchioni, 2023) Essas mídias tradicionais tiveram um papel fundamental na formação da opinião pública e na construção de narrativas sociais, culturais e políticas, atuando frequentemente sob a influência e controle de grandes corporações e do Estado (Do Nascimento; Silva, 2025).

Segundo De Paula e Da Silva (2018), as fontes informativas está diretamente ligada à busca do leitor por conhecimento, envolvendo tanto a necessidade de se manter atualizado sobre os desdobramentos atuais de um tema quanto a procura por informações específicas relacionadas às suas atividades cotidianas, aprendizado, entretenimento ou vivência cultural. Com o avanço tecnológico e o surgimento da internet, essas fontes passaram por transformações profundas, deixando de estar concentradas exclusivamente em veículos tradicionais e instituições oficiais para se tornarem mais diversificadas e descentralizadas. Essa evolução favoreceu uma comunicação mais horizontal, em que o receptor assume simultaneamente o papel de produtor de conteúdo, desafiando assim o modelo clássico de comunicação de massa, conforme apontam Dumer, De Pinho Neto e De Albuquerque (2020).

Os autores apontam que a multiplicação das fontes e a velocidade de circulação da informação nas plataformas digitais alteraram significativamente o modo como os indivíduos acessam, produzem e compartilham conhecimento, ampliando o debate público, mas também; provocando desafios como a proliferação da desinformação.

As plataformas digitais, entendidas como ambientes virtuais que promovem a criação, o compartilhamento e a interação social em torno de diferentes tipos de conteúdo, representam a etapa mais recente dessa transformação comunicativa. Desde o surgimento de plataformas digitais pioneiras como Orkut no início dos anos 2000, até o crescimento exponencial de plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *TikTok*, esses espaços vêm

reconfigurando as dinâmicas comunicativas ao permitir uma interatividade inédita, a descentralização do poder midiático e a viralização rápida de conteúdos, tais plataformas influenciam não só os processos comunicacionais, mas também as relações sociais, culturais e políticas, funcionando como agentes relevantes na construção de identidades e mobilização social (Siqueira, 2022).

A evolução das fontes de informação, especialmente no contexto das mídias tradicionais e das plataformas digitais, é um fenômeno complexo que reflete transformações sociais, culturais e tecnológicas. Para Terra (2009), esses meios de comunicação estabeleciam um controle editorial rigoroso, com equipes de jornalistas especializados que selecionavam e verificavam as informações antes da publicação. Esse modelo de comunicação, embora eficaz para a transmissão de informações, possuía uma natureza hierárquica, onde poucas entidades dominavam a narrativa pública. A credibilidade das fontes era geralmente associada à sua história e reputação, e a população dependia desses veículos para acessar o que estava acontecendo no mundo.

Partindo do pensamento de Flores e Richartz (2020), os estereótipos negativos de gênero já eram amplamente disseminados antes do surgimento das plataformas digitais, sendo reforçados pelas mídias tradicionais, como jornais, rádio e televisão. Essas mídias exerciam forte influência na construção de representações sociais, promovendo imagens estereotipadas da mulher em um contexto em que o público assumia uma postura predominantemente passiva diante das informações transmitidas. Dessa forma, os discursos midiáticos tradicionais contribuíram significativamente para a manutenção de visões limitadas sobre o papel feminino na sociedade, fenômeno que se atualiza e se intensifica nas novas dinâmicas comunicacionais das plataformas digitais.

Com o surgimento das plataformas digitais, esse panorama de consumo de informação passou por uma mudança radical. As plataformas digitais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube*, *Tiktok* e outras, criaram um ambiente de comunicação mais dinâmico e interativo, no qual qualquer pessoa, independentemente de sua posição ou formação, pode se tornar uma fonte de informação. Segundo Jacobi (2019), a informação começou a circular de forma descentralizada, e o poder de disseminar notícias passou a ser distribuído entre milhões de usuários.

Esse modelo promoveu uma democratização da comunicação, mas também trouxe desafios significativos, como a proliferação de *Fake News*. Segundo De Paula e Da Silva (2018), *Fake News*, ou notícias enganosas, são conteúdos criados para chamar a atenção do público sobre determinada situação ou expressar uma perspectiva específica, porém, como o

próprio termo indica, esses materiais contêm dados falsos ou distorcidos, total ou parcialmente. Além disso, a dificuldade de distinguir informações verdadeiras das falsas tornou-se um problema crescente. Para Nascimento et al. (2024), a rapidez com que as notícias se disseminam nas plataformas digitais, muitas vezes sem a devida verificação, é uma preocupação central para jornalistas, especialistas em comunicação e profissionais da arquivologia, que desempenham um papel fundamental na preservação e organização de registros autênticos. Partindo desse entendimento, torna-se necessário enfatizar que, mesmo sendo *Fake News*, esses conteúdos são documentos originais e autênticos que refletem contextos e discursos da época em que foram produzidos.

Para Couto (2009), a arquivologia, por sua vez, oferece contribuições relevantes por meio de seus princípios fundamentais de autenticidade, origem e integridade, os quais adquirem ainda mais importância no ambiente digital, onde as informações circulam sem controle definido de fonte, contexto ou autoria. Nesse cenário, a área mostra-se essencial para os debates acerca da confiabilidade e da origem das informações compartilhadas nas plataformas digitais, colaborando para a análise dos fluxos informacionais nas plataformas digitais e das formas como esses conteúdos são registrados, interpretados e ressignificados pelos usuários. Essa contribuição possibilita não apenas o reconhecimento da importância dos arquivos digitais na sociedade contemporânea, mas também amplia a perspectiva crítica sobre as estruturas informacionais que influenciam o cotidiano e participam da construção da memória social, em combater a *Fake News* enquanto mantêm a liberdade de expressão e garantem o acesso a informações verificadas e confiáveis.

Corroborando com essa perspectiva, o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ, 2012) ressalta que a autenticidade dos documentos arquivísticos digitais encontra-se constantemente em risco, especialmente quando esses documentos são transferidos entre diferentes pessoas, sistemas ou aplicativos, ou ainda ao longo do tempo, em razão de atualizações tecnológicas ou substituições de hardware e software utilizados para o seu armazenamento, processamento e comunicação. Considerando a inevitável ameaça da obsolescência tecnológica, a manutenção da autenticidade documental depende da adoção de tecnologias apropriadas e de práticas administrativas que assegurem sua identidade e integridade, componentes fundamentais da autenticidade, ou, ao menos, que reduzam significativamente os riscos de alteração dos documentos desde o seu primeiro registro e em todas as interações subsequentes.

Segundo dados do Google Trends, observou-se um crescimento expressivo nas buscas pelo termo "*Fake News*" a partir da segunda metade de 2016 (Wardle; Derakhshan, 2018).

Esse mesmo ano foi marcado por acontecimentos emblemáticos, como a escolha do termo “pós-verdade” como palavra do ano pelo dicionário Oxford, a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos e a vitória da campanha do Brexit, que resultou na saída do Reino Unido da União Europeia. Esses episódios, profundamente interconectados, evidenciaram a crescente influência da desinformação no debate público e impulsionaram a necessidade de estudos voltados à compreensão das “*Fake News*” e da suscetibilidade dos indivíduos diante da circulação massiva de conteúdos enganosos nas plataformas digitais (Lazer et al., 2018). Tal cenário reforça a importância de se discutir a autenticidade e a integridade da informação digital, como salientado pelo CONARQ (2012), pois a confiabilidade dos dados se torna ainda mais crucial em um ambiente marcado pela desinformação e pela rápida disseminação de conteúdos potencialmente manipulados.

Para Silva (2024), a influência das notícias falsas em processos eleitorais se tornou ainda mais patente com o escândalo global de 2018, que envolveu a venda ilegal de dados de milhões de usuários do Facebook para a empresa Cambridge Analítica (que foi contratada tanto pela campanha de Trump quanto pelo movimento do Brexit). A reportagem investigativa da jornalista Carole Cadwalladr, publicada nos jornais *The Guardian* e *The New York Times*, revelou que a Cambridge Analítica teria utilizado esses dados para desenvolver um sistema capaz de manipular as escolhas dos eleitores, especialmente por meio da propagação de conteúdos falsos e/ou distorcidos.

Foi também em 2018 que o candidato de extrema direita, Jair Messias Bolsonaro, foi eleito o 38º presidente do Brasil, em uma campanha profundamente marcada pela disseminação de notícias falsas. O esquema ilegal de disparo em massa de *Fake News* via aplicativos de mensagens, como o WhatsApp, financiado por empresários aliados a Bolsonaro, foi revelado pela jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S. Paulo (Alessi e Viejo, 2019). Candidatas de partidos adversários (figura 01), tornou-se alvo de ataques virtuais misóginos e tentativas de descredibilização, especialmente aquelas ligadas à esquerda ou à imprensa crítica, foram perseguidas com conteúdo sexistas, ofensivos e baseados em mentiras. Diversas lideranças femininas da esquerda também sofreram com campanhas coordenadas de difamação, que exploravam estereótipos negativos de gênero para minar suas imagens públicas e silenciar suas vozes no debate político.

Figura 01 *Tiktok* @Petistasincero



Fonte: vídeos extraídos da plataforma *TikTok* (2024)

Hoje, estamos imersos em uma realidade híbrida, onde as mídias tradicionais e as plataformas digitais coexistem, muitas vezes se complementando, mas também competindo entre si. As grandes empresas de mídia tradicional têm investido em sua presença nas plataformas digitais para atingir novos públicos e engajar suas audiências de maneira mais direta. Por outro lado, para Faustino (2020), muitos usuários das plataformas digitais passaram a buscar informações mais profundas e confiáveis em veículos de comunicação tradicionais, reconhecendo as limitações e os riscos da informação sem curadoria. Entretanto, as constantes mudanças nos algoritmos e a busca incessante por engajamento distorcem significativamente a forma como consumimos notícias, promovendo o sensacionalismo e acentuando a polarização.

O desafio, enquanto sociedade, é encontrar caminhos para equilibrar diferentes fontes de informação, preservando o que há de positivo em cada uma delas e promovendo um ecossistema informativo mais ético, crítico e confiável. Nesse contexto, compreender a natureza dos documentos, base fundamental da informação, torna-se essencial. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (DBTA), documento é definido como uma “unidade de registro de informações, independentemente do meio ou formato utilizado” (Arquivo Nacional, 2005, p. 73), o que inclui tanto suportes físicos quanto digitais. O documento digital, por sua vez, é caracterizado como aquele “codificado em linguagem binária, acessível por meio de sistemas computacionais” (Arquivo Nacional, 2005, p. 75).

Essa distinção é crucial para refletirmos sobre as múltiplas formas de produção, acesso e preservação da informação na atualidade, contribuindo para o fortalecimento de um ecossistema informativo mais transparente e confiável.

Segundo o Glossário da Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (2020, p. 24), o documento arquivístico é entendido como “um registro gerado (criado ou recebido) no decorrer de uma atividade prática, funcionando como instrumento ou resultado dessa ação, e conservado para futura utilização ou consulta”. Na mesma fonte, define-se o documento arquivístico digital como “um registro digital reconhecido e tratado conforme os princípios arquivísticos” (p. 25).

Outro conceito essencial para este estudo é o de gestão documental, compreendida como o “conjunto de ações e operações técnicas relacionadas à criação, tramitação, uso, avaliação e guarda de documentos nas fases corrente e intermediária, com o objetivo de sua eliminação ou preservação definitiva” (Arquivo Nacional, 2005, p. 100). Além das definições referentes à instituição, instalações ou mobiliário, o termo arquivo é caracterizado como o “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma organização, pública ou privada, ou por indivíduo ou família, no exercício de suas funções, independentemente da forma ou suporte” (Arquivo Nacional, 2005, p. 27). Essa concepção, embora ainda válida, demanda constante revisão e ampliação, especialmente diante das transformações profundas nos modos de criação, difusão e armazenamento da informação no mundo contemporâneo. A crescente digitalização, a diversidade de suportes e a velocidade com que as informações circulam exigem uma atualização dos conceitos tradicionais, a fim de que eles continuem dando conta das novas realidades informacionais no contemporâneo.

2.2 Arquivologia na Era das Plataformas

A contemporaneidade é marcada por transformações profundas nos modos de produção, circulação e registro da informação, impulsionadas pela constante evolução dos meios e mídias de comunicação. Ao longo do tempo, a transmissão e apropriação do conhecimento e da cultura acompanharam as necessidades humanas e os avanços tecnológicos, resultando na consolidação da chamada Sociedade da Informação, um contexto social que valoriza intensamente a informação e estimula o desenvolvimento contínuo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Para Innarelli (2011), nesse cenário, a Arquivologia se vê diante da necessidade de reconfigurar seus referenciais conceituais e metodológicos. O documento arquivístico, tradicionalmente compreendido como aquele

produzido ou recebido por uma entidade no exercício de suas funções, com valor probatório e testemunhal, passa a assumir novas formas e significados na realidade digital, exigindo abordagens mais amplas e integradas ao ambiente informacional contemporâneo.

Na concepção clássica, autores como Leite et al (2021) definem o documento arquivístico a partir de suas funções institucionais e do vínculo orgânico com as atividades que lhe deram origem. Contudo, no cenário atual, caracterizado pela multiplicidade de suportes, efemeridade dos registros e descentralização da produção informacional, torna-se imperativo revisitar tal definição. Como enfatiza Flores (2021), o documento arquivístico digital carrega em si os mesmos princípios que seu correspondente físico, mas sua forma, suporte e lógica de organização demandam um olhar renovado.

A permanência das características fundamentais do documento arquivístico, organicidade, autenticidade, unicidade e cumulatividade, continua sendo um ponto central na literatura especializada. Essas propriedades, conforme destacam Lucca, Charão e Stein (2006), são essenciais para garantir o valor arquivístico dos documentos, independentemente do suporte. A organicidade diz respeito à conexão entre os documentos e a estrutura funcional da entidade que os gerou; a autenticidade refere-se à integridade e à conformidade do conteúdo com seu contexto original de produção; a unicidade assegura que cada documento seja singular em razão de sua origem e finalidade; e a cumulatividade evidencia o acúmulo progressivo e natural de registros ao longo do tempo. Conforme observa Souza (2020), quando essas propriedades arquivísticas são transpostas para o universo digital, surgem desafios inéditos de ordem técnica e conceitual, especialmente no tocante à preservação da autenticidade e à garantia de acesso contínuo e confiável às informações.

Nesse cenário, torna-se evidente, como já apontava Duranti (1994), que a proteção da autenticidade dos registros documentais exige dos arquivistas uma revisão crítica de sua atuação. É necessário repensar o papel social das instituições arquivísticas, reavaliar os princípios tradicionais da profissão e formular novos objetivos que estejam alinhados às demandas contemporâneas. Somente assim será possível cumprir, de forma ética e eficaz, a missão essencial da Arquivologia, que é assegurar a confiabilidade dos documentos ao longo do tempo, mesmo diante das rápidas transformações tecnológicas.

No contexto das plataformas digitais, o conceito de documento arquivístico expande-se para abarcar registros informacionais não convencionais, como comentários, postagens, interações em plataformas digitais e outros vestígios digitais que emergem das práticas comunicacionais cotidianas. Embora esses registros nem sempre possuam intencionalidade documental institucional, eles materializam ações sociais significativas e podem adquirir valor

probatório, histórico ou cultural. Essa perspectiva é alinhada ao entendimento de De Lima (2014), que propõe uma Arquivologia comprometida com a diversidade informacional e atenta às novas formas de expressão da memória social. Assim, os comentários em plataformas como *TikTok*, *Twitter* ou *YouTube* podem ser compreendidos como documentos arquivísticos contemporâneos, desde que analisados dentro de um marco teórico-metodológico que reconheça sua organicidade e função social no contexto digital.

As possibilidades de tratamento e análise arquivística desses registros digitais abrem novos horizontes. A partir de métodos da diplomática digital e da descrição arquivística adaptada aos objetos digitais, é possível pensar estratégias de identificação, classificação, avaliação e preservação de registros oriundos das plataformas (Montoya, 2019). Flores (2021), ao abordar a preservação de documentos digitais autênticos, ressalta a necessidade de desenvolver padrões técnicos e políticas arquivísticas compatíveis com a volatilidade dos dados digitais. Nesse cenário, o uso de metadados, o versionamento de conteúdos e o registro das cadeias de custódia ganham destaque como instrumentos para assegurar a autenticidade e a integridade desses documentos. Tais práticas também demandam a formação de arquivistas com competências técnicas e éticas voltadas para a mediação de conteúdos sensíveis e para a gestão de grandes volumes de informação não estruturada.

Na era da desinformação e da violência simbólica disseminadas por meio das plataformas digitais, o papel social do arquivista assume um novo protagonismo. Como destaca De Moura e Dos Santos Bahia (2023), o arquivista deve atuar como agente crítico e ético, comprometido com a garantia do direito à informação e com a preservação da memória social em sua diversidade. Diante da manipulação informacional e das distorções históricas potencializadas por algoritmos e discursos de ódio, torna-se essencial que os profissionais da informação assumam um papel ativo na curadoria de conteúdos, na promoção da educação arquivística e na valorização dos registros digitais enquanto patrimônio coletivo. A Arquivologia, nesse contexto, não apenas se transforma em termos técnicos, mas também se reposiciona politicamente, reafirmando seu compromisso com uma sociedade mais justa, plural e bem-informada.

Essa atuação crítica e consciente ganha ainda mais relevância quando observamos os impactos da desinformação em contextos específicos. A disseminação de *Fake News* nas plataformas digitais, particularmente no contexto feminino, tem gerado um impacto profundo e multifacetado, com efeitos psicológicos que merecem nossa reflexão e análise.

2.3 *Fake News* e Seus Efeitos Psicológicos no Contexto Feminino

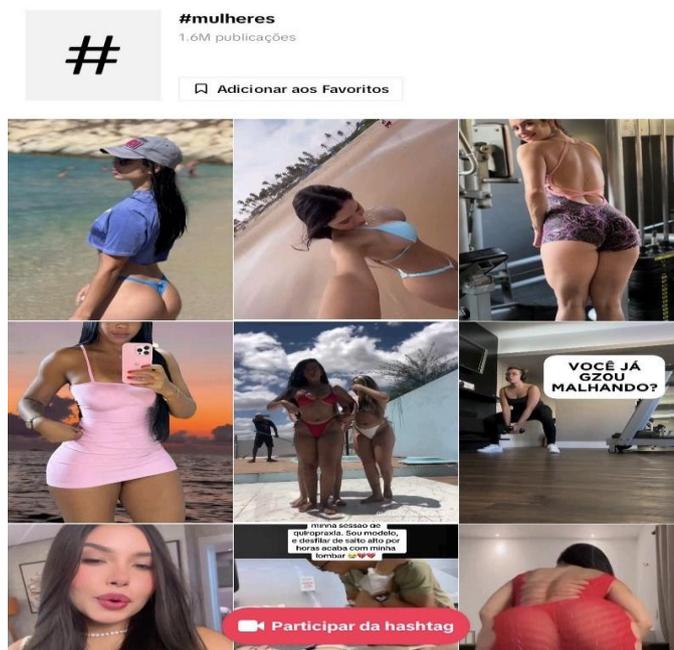
A disseminação de *fake News* nas plataformas digitais, particularmente no contexto feminino, tem gerado um impacto profundo e multifacetado, com efeitos psicológicos que merecem nossa reflexão e análise. Para Empoli (2019), quando nos deparamos com informações falsas ou distorcidas sobre temas que afetam diretamente a experiência feminina, como saúde, direitos reprodutivos, violência de gênero e padrões estéticos, somos confrontadas com narrativas que podem reforçar estigmas e *Fake News*. A rapidez com que essas notícias se espalham, muitas vezes sem a devida verificação, cria um ambiente onde a verdade se mistura com a manipulação, gerando ansiedade, confusão e até insegurança nas mulheres. Esse cenário não só agrava o desafio diário de lidar com questões como a desigualdade de gênero, mas também coloca em risco a saúde mental e emocional das mulheres, já que informações enganosas podem afetar decisões cruciais sobre suas vidas.

O impacto psicológico das *Fake News* nas plataformas digitais, voltado para o público feminino, muitas vezes está relacionado à criação de narrativas polarizadoras e preconceituosas. De acordo com Neves (2019), o julgamento sobre o corpo da mulher, por exemplo, é um tema que frequentemente é distorcido nas plataformas digitais, com informações falsas sobre dietas milagrosas, procedimentos estéticos ou padrões de beleza irrealistas. Esses discursos não só incentivam padrões de beleza inalcançáveis, mas também alimentam a baixa autoestima e a insatisfação corporal, que são fatores preponderantes na manifestação de distúrbios psicológicos, como ansiedade e depressão, reforçando padrões emocionais e cognitivos que surgem na infância e são reforçados ao longo da vida.

Para Young et al. (2009), a exposição constante a críticas e julgamentos, reforça esquema como, vergonha (sentimento de que algo está profundamente errado consigo mesma), transformando em busca por aprovação (dependência da validação externa) e existência de padrões inflexíveis (autoexigência extrema para ser aceita). Ainda de acordo com esses mesmos autores (2009), mesmo que a mulher saiba racionalmente que a exposição pode ser danosa, o esquema atua emocionalmente, puxando para a necessidade inconsciente de aceitação e aprovação, perpetuando o ciclo, que muitas mulheres, diante dessas informações, acabam comparando suas próprias experiências e corpos com os ideais, demonstrando que ideias fabricadas pelas *Fake News*, pode resultar em um ciclo contínuo de autocritica e sofrimento emocional.

Para Festinger (1975), quando a mulher se expõe nas plataformas digitais, mesmo sabendo que isso pode gerar *Cyberbullying*³, ocorre um conflito interno, que ela sabe que é ruim, mas sente que precisa daquela exposição para ser aceita ou validada. Esse conflito gera dissonância cognitiva, um desconforto psicológico que o indivíduo tenta reduzir. Muitas vezes, a pessoa minimiza o risco “não vai acontecer comigo” ou racionaliza a exposição “todo mundo faz”, “e assim que funciona hoje em dia”. Reforçando que o social (likes, comentários, seguidores) sustenta o comportamento, mesmo que haja dano emocional. Com isso, nós, mulheres, que utilizamos ferramentas digitais como o *TikTok* e fazemos pesquisas por meio de *hashtags*, como a #mulheres, que conta com mais de 1,6 milhões de publicações, como demonstra a (Figura 02), nos deparamos com um cenário preocupante. Embora muitas dessas publicações sejam feitas por mulheres, uma parcela significativa delas é gerada por inteligências artificiais (IA) operando por perfis falsos, sem registros de usuários reais, frequentemente com nomes fictícios.

Figura 02 *TikTok* #Mulheres



Fonte: vídeos extraídos da plataforma *TikTok* (2025)

Um ótimo exemplo é a voz do ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama, foi imitada por meio de tecnologia digital e divulgada na plataforma *TikTok*, demonstrando como

³ O *Cyberbullying* é um tipo de violência virtual praticada contra alguém através da internet ou de outras tecnologias no âmbito virtual, com o objetivo de agredir, perseguir, ridicularizar e/ou assediar (Oliveira, 2020)

manipulações sonoras se tornaram uma nova ferramenta para a propagação de notícias falsas. Esse tipo de falsificação, que simula com precisão falas de figuras públicas, contribui para a desinformação e pode gerar confusão cognitiva entre os usuários. A dificuldade em distinguir o que é real do que é fabricado digitalmente compromete a percepção da realidade, causando insegurança, desconfiança e ansiedade (jornal O Globo, 2023). Psicologicamente, isso impacta a saúde mental ao alimentar o estresse e a sensação de perda de controle, além de corroer gradualmente a confiança em instituições, mídias e relações sociais.

A proliferação de conteúdos falsificados representa não apenas um risco à integridade da informação, mas também um desafio crescente à estabilidade emocional em um mundo cada vez mais conectado. No contexto das plataformas digitais, a propagação de conteúdos manipulados e desinformativos está intimamente ligada à reprodução de discursos que reforçam desigualdades sociais, especialmente no que diz respeito à representação das mulheres. Esses espaços acabam por amplificar narrativas que objetificam e marginalizam grupos vulnerabilizados, perpetuando estruturas de opressão como a misoginia e o sexismo. Para Tiburi (2023), a misoginia, entendida para além do simples ódio às mulheres, configura-se como um sistema de controle simbólico que desqualifica e silencia as mulheres quando estas desafiam os papéis tradicionais atribuídos a elas. O sexismo, por sua vez, para McArthur e McArthur (2005), refere-se à discriminação baseada no gênero, sustentada por crenças na superioridade masculina e inferioridade feminina, manifestando-se em conteúdos e comentários que objetificam e desumanizam as mulheres. Ao transformar as mulheres em alvos frequentes de exposição e desqualificação, tais conteúdos contribuem para a manutenção de um ambiente virtual hostil, onde a violência simbólica e o controle social se manifestam de maneira sutil.

Essas práticas discursivas estão intrinsecamente ligadas ao machismo, que se caracteriza como uma ideologia que legitima a dominação masculina, e ao patriarcado, que representa a estrutura histórica e cultural responsável por organizar o poder social, político e simbólico em favor dos homens, mantendo as mulheres em posição de subordinação. Conforme apontado por Scott (1995), o gênero deve ser compreendido não apenas como uma distinção biológica, mas como uma categoria social fundamental para a construção e manutenção das relações de poder, sendo continuamente reproduzido por meio de discursos e práticas que legitimam a hierarquia entre os sexos.

Nesse contexto, a desinformação desempenha um papel central, manifestando-se em diferentes dimensões: cognitiva, ao influenciar as percepções e crenças sociais; simbólica, ao reforçar estigmas e imaginários discriminatórios; e afetiva, ao mobilizar emoções negativas

como ódio e desprezo para ampliar o alcance desses discursos. Butler (2018) ressalta que os discursos possuem o poder de constituir socialmente os sujeitos sobre os quais incidem, ou seja, ao reiterarem discursos misóginos e sexistas, eles não apenas descrevem as mulheres como inferiores, mas contribuem para sua construção e exclusão dentro dessas categorias, ampliando a violência simbólica contra elas.

Essa dinâmica não apenas perpetua padrões idealistas de beleza e comportamento, mas também instrumentaliza as mulheres por meio da exposição do corpo, o que contribui para a perpetuação de uma visão degradante e inferiorizante delas na sociedade. Ao permitir a promoção de tais conteúdos, essas plataformas digitais reforçam estereótipos negativos que objetificam as mulheres, desvalorizando sua identidade e autoestima, além de contribuir para um ambiente digital que perpetua desigualdade e violência de gênero. A visibilidade online, ao invés de ser um meio de empoderamento, acaba sendo distorcida, alimentando narrativas prejudiciais à saúde mental e ao bem-estar das mulheres.

Com isso, é importante observar que a utilização de perfis falsos em plataformas digitais não é exatamente a mesma coisa que “*Fake News*”, mas ambos estão relacionados, pois envolvem a propagação de informações enganosas. Essa disseminação também contribui para a marginalização e o silenciamento de vozes femininas. Como aponta Júnior (2023), ao criar ou reforçar estereótipos negativos de gênero sobre as mulheres, essas informações falsas podem deslegitimar movimentos sociais e reivindicações por direitos igualitários, enfraquecendo a luta por igualdade de gênero. As mulheres, especialmente aquelas envolvidas em causas feministas ou que se opõem ao status quo, muitas vezes se veem alvos de campanhas de *Fake News* que visam desacreditar suas experiências e suas demandas. Isso gera um efeito psicológico de isolamento, frustração e desmotivação, ao passo que as mulheres se tornam mais vulneráveis à manipulação e à polarização, perdendo a confiança nas plataformas digitais como um espaço de diálogo saudável e construtivo. Assim, o impacto das *Fake News* no contexto feminino não se limita à *Fake News*, mas se estende a uma série de efeitos psicológicos que afetam o bem-estar emocional, a autoestima e a luta por igualdade.

2.4 Gênero e Disseminação de #FakeNews no Tiktok

A disseminação de *Fake News* nas plataformas digitais, quando observada sob a ótica de gênero, revela um cenário complexo que reforça desigualdades históricas e sociais. Nas palavras de Freire et al (2019), a maneira como as informações falsas são estruturadas e propagadas muitas vezes reflete estereótipos negativos e preconceitos arraigados nas

sociedades patriarcais. Mulheres, por exemplo, são frequentemente alvo de *Fake News* que buscam desacreditar suas vozes, questionar suas experiências ou até mesmo deslegitimar suas lutas por igualdade. De acordo com Hartmann; Iunes (2020), as Fakes News sobre figuras femininas, movimentos feministas ou questões relacionadas ao corpo da mulher têm um efeito direto na perpetuação de ideias machistas, reduzindo a capacidade das mulheres de se expressarem livremente e influenciar as narrativas públicas. Ao analisarmos esse fenômeno, percebemos que as plataformas digitais, ao mesmo tempo em que democratizam a comunicação, também se tornam um campo fértil para a propagação de informações distorcidas, que muitas vezes se apropriam de questões de gênero para manipular opiniões e gerar divisões.

Segundo Rasquel (2020), no contexto da violência de gênero, por exemplo, observamos um aumento significativo de *Fake News* que buscam minimizar ou até mesmo desacreditar experiências de mulheres vítimas de abusos. Isso ocorre, por vezes, por meio da disseminação de mentiras sobre casos específicos ou pela criação de narrativas que sugerem que as acusações são falsas ou exageradas. Esses tipos de *Fake News* não apenas revitimam as mulheres afetadas, mas também servem para reforçar uma cultura de silenciamento, tornando mais difícil para outras mulheres se posicionarem e denunciarem abusos. As plataformas digitais, por serem espaços de grande alcance e rápida circulação de informações, ampliam o impacto dessas *Fake News*, criando uma sensação de insegurança e desconfiança que enfraquece a luta contra a violência de gênero. Ao estigmatizar as vítimas, essas falsas narrativas contribuem para uma sociedade mais permissiva ao machismo e à violência, uma vez que criam uma percepção distorcida da realidade e impedem a implementação de um ambiente seguro e agradável para as mulheres.

A propagação de *Fake News* sobre o feminismo, muitas vezes alimentada por discursos misóginos e polarizadores, distorce os objetivos e as demandas do movimento, criando uma visão errônea de que as mulheres buscam privilégios ao invés de igualdade. Para Bertolin; Alves (2023), as plataformas digitais, com seu formato de compartilhamento instantâneo, amplificam essas distorções, tornando-as visíveis e acessíveis para um número ainda maior de pessoas. Segundo Fernandes (2023), isso exige um esforço coletivo para construirmos um espaço digital mais inclusivo e saudável, onde a *Fake News* seja combatida de forma eficaz.

Para isso, acredito ser fundamental capacitar as pessoas a reconhecerem a importância de buscar fontes confiáveis, verificar informações antes de compartilhá-las e entender as implicações sociais e psicológicas da propagação de conteúdos errôneos, que afetam

diretamente a saúde mental de quem os recebe e os compartilha. Esse peso, muitas vezes vinculado à culpa socialmente imposta, impacta diretamente a saúde mental feminina e reforça estruturas de opressão simbólica presentes no cotidiano. Precisamos ser educadas não apenas para defender nossos direitos, mas também para nos proteger das narrativas que nos desqualificam ou estigmatizam. Essa formação crítica deve abordar questões como misoginia, feminismo, violência de gênero e igualdade, permitindo uma análise mais apurada das informações e uma postura mais ativa na defesa da verdade. Assim, poderemos preservar nossa saúde mental, bem-estar emocional e psicológico, ao desafiarmos as culpas e barreiras impostas por essas narrativas prejudiciais.

2.5 Gênero, Estereótipos e Comentários no *TikTok*

O *TikTok*, como uma plataforma de grande alcance e popularidade, tem se consolidado como um espaço dinâmico para a expressão pessoal e o consumo de uma vasta gama de conteúdo. Contudo, sua notoriedade também está associada à propagação acelerada de estereótipos negativos de gênero e preconceitos, fenômenos que se intensificam devido à interação e aos comentários que circulam rapidamente dentro da plataforma. Segundo Rodrigues (2023), as mulheres, em particular, são frequentemente alvo de comentários reducionistas e misóginos, reforçando narrativas que objetificam ou desqualificam a figura feminina, impactando negativamente sua saúde mental e emocional.

Podemos usar como exemplo a análise as buscas na *For You Page*⁴ do *TikTok*, que revela como essas dinâmicas de interação influenciam não só a percepção pública, mas também perpetuam uma visão limitada e prejudicial das mulheres, refletindo um ciclo contínuo de desvalorização, marginalização e impacto na saúde mental, já que a busca destaca assuntos subjacentes no *TikTok*, explorando as mensagens implícitas e explícitas comunicadas por meio dessas representações.

Muitas vezes, esses comentários (Figura 03) estão acompanhados de *fake news* que distorcem ou inventam histórias para descreditar a vivência feminina, especialmente em temas como sexismo, misoginia e machismo.

Figura 03 *TikTok* @NaçãoegraBrasil2

⁴ Página inicial personalizada do *TikTok*, onde os usuários visualizam uma seleção de vídeos recomendados com base em seu comportamento na plataforma.

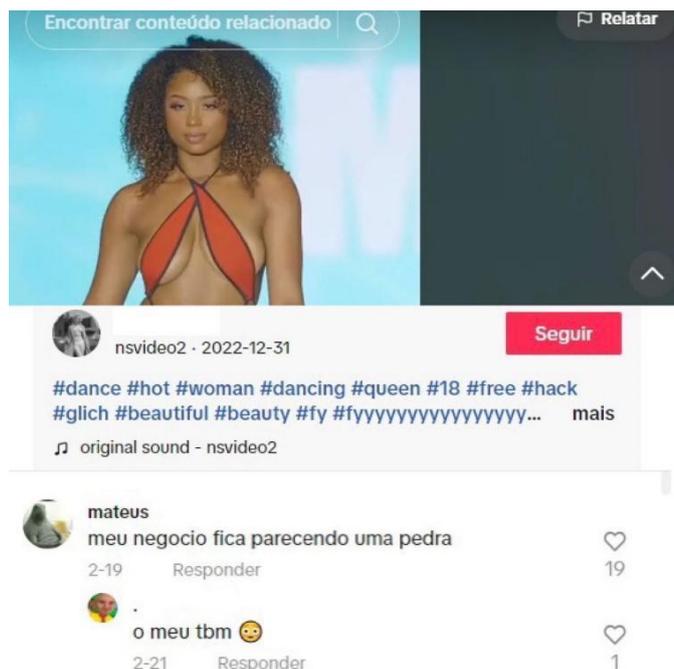


Fonte: vídeos extraídos da plataforma TikTok (2024)

Ao combinar esses estereótipos negativos com informações falsas, criam-se espaços ainda mais tóxicos, onde as mulheres são colocadas em uma posição de vulnerabilidade, sendo alvo de ataques não apenas pessoais, mas também ideológicos, ao terem suas realidades distorcidas ou negadas por *Fake News*. Essa combinação de estereótipos negativos e *Fake News* no *TikTok* contribui para uma cultura digital de *Fake News* que afeta diretamente a autoestima e a saúde mental das mulheres, especialmente das jovens, que são as mais presentes na plataforma.

De acordo com Machado et al. (2023), a forma como os estereótipos negativos de gênero são reforçados nos comentários do *TikTok*, tem um impacto psicológico profundo. Quando uma mulher se posiciona de maneira empoderada ou desafia normas tradicionais de comportamento, ela frequentemente se depara com reações que a rotulam de maneira negativa. Os comentários preconceituosos, machistas tendem a reforçar ideias antiquadas de feminilidade, associando mulheres a papéis submisso ou de conformidade com padrões estéticos ou comportamentais específicos (Figura 04).

Figura 04 *TikTok* @Nsvideo2



Fonte: vídeos extraídos da plataforma TikTok (2024)

Esses comentários, acompanhados de *Fake News*, distorcem intenções, deslegitimam a fala da mulher e reforçam um discurso que coloca o feminino como inferior ou menos capaz. Esse fenômeno não só limita a expressão livre das mulheres no espaço digital, mas também reforça a ideia de que suas experiências e opiniões não são dignas de respeito ou consideração. O efeito psicológico disso é devastador, pois cria um ciclo de desvalorização que pode afetar a confiança, a identidade e o bem-estar emocional das mulheres, especialmente quando as críticas ganham força por serem amplificadas pela viralidade do conteúdo.

A propagação de *Fake News* no *TikTok*, muitas vezes reforçada por mensagens preconceituosas, machistas, misóginos afetam a luta por igualdade de gênero, ao promover visões distorcidas sobre as questões feministas. Por isso, Silva (2023), fala que ao espalharem informações falsas como o todo, já é prejudicial, mas reforçar as suas intenções ou as figuras femininas que o representam, criam um espaço de polarização mais rápido, onde as mulheres engajadas em causas sociais feministas são estigmatizadas como radicais ou como inimigas da masculinidade ou da ordem social estabelecida. Trazemos como exemplo uma matéria da Junqueira (2024), da Revista *Capricho*, que tem como maior público a geração Z⁵, com o início da 4ª onda do feminismo, em 2012, as mulheres passaram a utilizar as plataformas digitais como uma ferramenta para reivindicar seus direitos, o que ampliou significativamente

⁵ A Geração Z, é uma geração nascida entre 1997 e 2012, cresceu em um ambiente digital e altamente conectado, o que os diferencia das gerações anteriores (Moraes, 2025).

o debate sobre o movimento feminista. No entanto, a internet também se tornou um espaço propício para a disseminação de desinformações sobre o feminismo. Muitas vezes, essas informações falsas são acompanhadas de comentários negativos e machistas, que tentam desacreditar as demandas por igualdade de direitos. Isso perpetua uma visão distorcida do feminismo, o que, por sua vez, dificulta o avanço em direção a uma sociedade mais justa e igualitária em pleno século XXI.

A combinação de estereótipos negativos de gênero com *Fake News* cria um ambiente digital onde as mulheres não só têm suas opiniões e movimentos desacreditados, mas também são sujeitas a ataques de ódio e palavras misóginas, o que torna ainda mais difícil o avanço em questões de gênero e igualdade. Esse ciclo vicioso alimentado por *Fake News* e estereótipos negativos, prejudicam a saúde psicológica das mulheres e limita a construção de um espaço digital seguro e respeitoso para todas.

2.6 Combate à *Fake News* e Alfabetização Midiática de Gênero

O combate à *Fake News*, especialmente no que diz respeito às questões de gênero, requer uma abordagem estratégica e reflexiva, que vá além da simples luta contra a *Fake News*, incorporando também a promoção de uma alfabetização midiática eficaz. Como afirmam Barreto e Lopes (2020), ao observarmos as plataformas digitais, torna-se claro que a disseminação de informações falsas gera efeitos prejudiciais, especialmente em relação à percepção das questões de gênero, reforçando estereótipos negativos e distorcendo realidades. Essa problemática, amplificada por ambientes como o TikTok, exige que a sociedade, de maneira geral, e mulheres, além de outros grupos marginalizados, sejam capacitadas para identificar, questionar e refutar narrativas manipuladas que circulam nesses espaços digitais.

De acordo com Couto (2009), no contexto do ciberespaço, a manutenção da autenticidade documental depende tanto da adoção de tecnologias adequadas quanto da implementação de práticas administrativas que garantam a identidade e a integridade dos documentos. Essa preservação da autenticidade é essencial para assegurar a veracidade das informações, uma vez que torna mais clara e acessível a origem e o contexto dos registros, reduzindo os riscos de manipulação e disseminação de desinformação. Nesse cenário, a sociedade contemporânea enfrenta o desafio de preservar sua cultura diante do avanço das novas tecnologias, especialmente as digitais, que transformam profundamente os modos de produção, controle e circulação da informação. Conceitos como cibercultura, tecnopólio, ciberespaço, inteligência coletiva, poder, dominação, riqueza, capitalismo, evolução,

libertação e democracia refletem as complexas dinâmicas da Sociedade da Informação e revelam a urgência de estratégias que conciliem inovação tecnológica e preservação cultural (Innarelli, 2011).

A alfabetização midiática de gênero é essencial nesse contexto, pois vai além da simples habilidade de consumir informações de maneira crítica, incentivando uma compreensão mais profunda das relações de poder e das construções sociais que sustentam as representações de gênero nas plataformas. A *Fake News* sobre feminismo, violência de gênero e questões relacionadas à saúde feminina, quando não combatida adequadamente, fortalece preconceitos e limita a capacidade das mulheres de se expressarem e de participarem ativamente na sociedade.

A alfabetização midiática de gênero não se resume apenas à habilidade de identificar *Fake News*, mas envolve um processo contínuo de reflexão e questionamento sobre os conteúdos que consumimos, produzimos e compartilhamos. Segundo Spinelli e Santos (2020), ao promovê-la, é fundamental considerar o impacto da cultura digital na formação das identidades de gênero, reconhecendo que as plataformas digitais têm o poder tanto de reforçar quanto de subverter estereótipos negativos de gênero. Esse cenário exige um esforço coletivo para construir um espaço digital mais inclusivo e saudável, no qual as *Fake News* sejam combatidas de forma eficaz.

Nesse sentido, conforme apontam Spinelli e Santos (2020), é necessário capacitar as pessoas a reconhecerem a importância de buscar fontes confiáveis, verificar informações antes de compartilhá-las e compreender as implicações sociais e psicológicas da disseminação de conteúdos errôneos. As mulheres, frequentemente alvo de desinformações que buscam diminuir ou silenciar suas vozes, precisam ser educadas não apenas para defender seus direitos, mas também para se protegerem contra narrativas que as desqualificam ou estigmatizam. Essa formação crítica deve abordar temas como misoginia, feminismo, violência de gênero e igualdade, promovendo uma análise mais apurada das informações e incentivando uma postura mais ativa na defesa da verdade.

O combate à *Fake News* e a promoção de uma alfabetização midiática de gênero demandam a colaboração entre diferentes setores da sociedade, como educadores, jornalistas, ativistas e líderes comunitários. De acordo com Marquette (2020), as políticas públicas também desempenham um papel crucial nesse processo, ao facilitar o acesso a informações de qualidade e ao garantir que os conteúdos digitais estejam em conformidade com princípios éticos e inclusivos. No entanto, essa luta não pode ser travada apenas por entidades institucionais. A conscientização e a mobilização da própria população, especialmente das

mulheres, são fundamentais para que possamos criar uma cultura de responsabilidade digital, onde a disseminação de informações verídicas e a promoção de debates construtivos sobre questões de gênero sejam priorizadas. Ao desenvolvermos a alfabetização midiática de gênero, estaremos não só combatendo a *Fake News*, mas também capacitando as pessoas a exercerem sua cidadania de maneira crítica e empoderada, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa para todos.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho caracterizou-se por ser uma pesquisa de natureza básica. Segundo Gil (2025), a pesquisa de natureza básica é voltada para o aprofundamento teórico e a ampliação do conhecimento científico, sem, necessariamente, visar a aplicações práticas imediatas. Neste estudo, a pesquisa básica possibilitou compreender os fenômenos e construir referenciais conceituais que contribuíram para o avanço das discussões no resultado da presente pesquisa. Além disso, adotou-se a abordagem qualitativa, que possibilitou uma análise interpretativa dos vídeos e comentários veiculados no *TikTok*, com ênfase nos significados atribuídos às mulheres. Segundo Minayo (2010), a pesquisa qualitativa é especialmente adequada para estudar processos sociais complexos, pois considera os sujeitos em sua dimensão simbólica, cultural e histórica.

Buscou-se interpretar as interações geradas, padrões simbólicos e narrativas que evidenciaram a presença de estereótipos negativos de gênero, frequentemente alimentados por *Fake News* que impactam emocionalmente as mulheres, comprometendo aspectos como autoestima, senso de autovalor e estabilidade psíquica, e como esses elementos discursivos e visuais influenciam o bem-estar emocional das mulheres.

O presente estudo é de caráter exploratório, conforme definido por Queiroz (1999), que compreende esse tipo de pesquisa como uma etapa preliminar voltada à aproximação com a realidade investigada, permitindo a adequada construção dos instrumentos de análise e a compreensão contextualizada do fenômeno. A pesquisa assume esse caráter, uma vez que, para elaboração da fundamentação teórica, foi necessário explorar sobre o objeto de estudo a fim de se familiarizar com as investigações científicas já existentes sobre: Arquivologia e plataformas digitais, Fontes de Informação, gênero feminino e sobre fake News e seus efeitos psíquicos nas mulheres, especificamente no contexto da plataforma *TikTok*. Além disso, apresenta também uma dimensão descritiva, ao detalhar como as *Fake News* se manifestam nesse ambiente digital, com ênfase nas implicações para a saúde mental das mulheres. Essa

abordagem permitiu mapear práticas discursivas, simbólicas e tecnológicas que contribuem para a reprodução de estereótipos negativos e para o silenciamento de vozes femininas no espaço virtual.

Quanto aos procedimentos metodológicos, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica, fundamentando-se em diversas publicações acadêmicas. Para tanto foram consultadas as bases de dados Scientific Electronic Library Online – *SCIELO* e o Google Acadêmico. Foram utilizadas as seguintes palavras chaves: Fake News; TikTok, Arquivologia e Gênero; Arquivologia e Plataformas Digitais; Misoginia e sexismo; Registros informacionais; Violência de Gênero; Fake News e Efeitos psicológicos, dentre outras pertinentes ao tema. As referidas palavras foram pesquisadas separadamente e de forma combinadas entre si para garantir o acesso a uma quantidade maior de material publicado. Entre os materiais pesquisados, destaca-se artigo da Revista de Direitos e Garantias Fundamentais (Bertolin e Alves, 2023), obras publicadas pela Editora Appris, como o livro Fake News: A Raposa, o Lobo e a Menina, de Fernandes (2023), além de teses de doutorado, como a de Queiroz (2024). Também foram consideradas publicações em revistas voltadas ao público jovem, como a Capricho, com a matéria intitulada “Desmentindo Fake News sobre o feminismo”, e na Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação (Araujo, 2023).

Além disso, foi realizada a análise de assunto segundo Lancaster (2024), também denominada análise conceitual, estágio analítico ou interpretativo. Seguindo o pensamento do referido autor, na presente pesquisa a análise incidiu sobre os conceitos tratados nos comentários utilizados como fonte de dados. Os mesmos foram extraídos por meio das buscas com a *hashtag* #mulheres, provenientes de publicações no *TikTok*, uma plataforma digital de acesso público. Por conseguinte, os temas identificados a partir da *hashtag* serviram para definir o início do processo de seleção dos vídeos que tinham relação com a temática da presente pesquisa. O processo se iniciou pela leitura dos comentários, que, por sua vez, buscou identificar padrões de discurso, e possíveis manifestações de violência, procurando compreender como a exposição das mulheres nesses comentários poderia impactar sua saúde mental.

A análise dessas interações buscou identificar padrões discursivos e simbólicos que revelassem relações entre os conteúdos consumidos na plataforma e seus possíveis impactos psicológicos nas mulheres. Essa investigação foi guiada pela compreensão da informação como registro social e pela influência de sua circulação em ambientes digitais, permitindo articular os dados empíricos aos referenciais teóricos e levantar discussões sobre a presença

de práticas misóginas, a disseminação de desinformação e os efeitos dessas dinâmicas sobre a saúde mental feminina.

A revisão de literatura serviu como base para compreender o contexto mais amplo da disseminação de *Fake News* e seu impacto, proporcionando uma perspectiva crítica sobre como a sociedade atual lida com a verdade e a confiança nas informações, especialmente em plataformas digitais como o *TikTok*, onde as notícias falsas muitas vezes se espalham rapidamente. A literatura científica também ajudou a embasar a análise sobre o efeito dessas *Fake News* na saúde mental das mulheres, buscando identificar conexões entre *Fake News* e o aumento de problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e estresse.

A análise reflexiva foi um componente importante dessa metodologia. Durante todo o processo, foi realizada uma constante reflexão sobre as implicações éticas e sociais da pesquisa, especialmente ao lidar com a saúde mental das mulheres. Foi considerado o impacto potencial da *Fake News* nas emoções e comportamentos dos usuários e como o conteúdo analisado no *TikTok* pode contribuir para a formação de estigmas, preconceitos e pressões sociais sobre as mulheres. A análise reflexiva buscou assegurar que a pesquisa fosse realizada de maneira responsável e que seus resultados possam contribuir para um entendimento mais profundo dos efeitos da *Fake News* e da necessidade de ações para mitigar seus impactos psicológicos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas buscas e análises realizadas na plataforma *TikTok*, por meio da extração de vídeos e comentários, utilizando *hashtag* #Mulheres, foi possível identificar e compreender as diversas transformações ocorridas das mídias tradicionais para as plataformas digitais, que tem alterado profundamente as dinâmicas de acesso, consumo e interação com a informação, especialmente no que se refere ao impacto das *Fake News* sobre as mulheres.

A evolução das fontes informacionais e a crescente disseminação de *Fake News* nas plataformas digitais têm provocado efeitos notáveis na forma como as mulheres se relacionam com os conteúdos digitais, influenciando suas percepções, comportamentos e interações sociais. Plataformas digitais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e, especialmente, *TikTok* passaram a desempenhar um papel central na construção de narrativas contemporâneas, oferecendo tanto oportunidades de expressão quanto desafios relacionados à propagação de

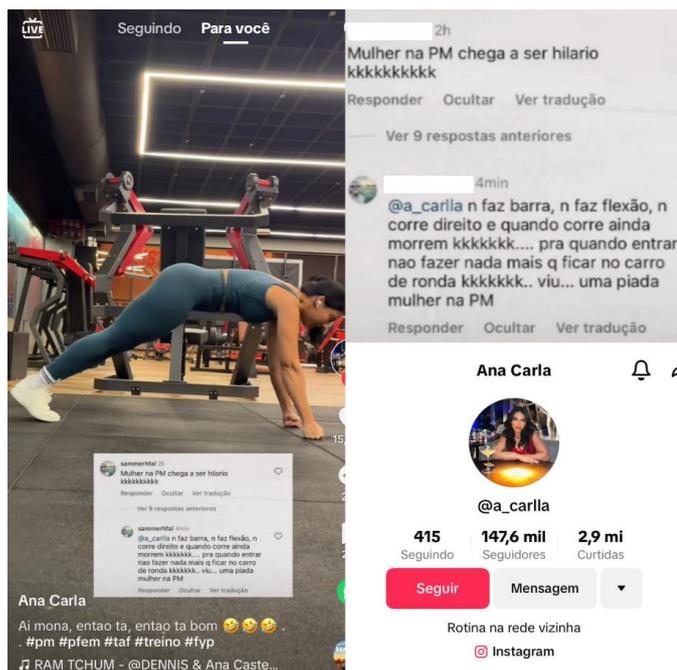
discursos misóginos e desinformativos, com implicações diretas para a saúde mental e a representação feminina no ambiente digital.

A análise foi realizada a partir da leitura de comentários coletados no aplicativo TikTok. Acompanhando esse material, foram utilizadas capturas de tela (*print screens*) como forma de registrar e evidenciar as informações analisadas, servindo de base tanto para a fundamentação teórica quanto para os resultados da pesquisa. A intenção foi evidenciar e compreender as diferentes formas de representação das mulheres na plataforma, sendo observado que grande parte dessas representações não é construída pelas próprias mulheres, mas sim reproduzida por usuários do sexo masculino, o que contribui para a perpetuação de estereótipos de gênero negativos historicamente enraizados.

Essa dinâmica evidencia o predomínio de uma narrativa masculina sobre o feminino, alinhando-se ao que apontam estudiosos como Scott (1995), ao destacar que as representações de gênero são construções sociais frequentemente moldadas a partir de visões externas às mulheres e mantidas por estruturas de poder simbólico. Essas formas reproduzem ideias enraizadas dentro da sociedade machista, que produz *Fake News* em larga escala, sem pensar nas consequências e nos danos psicológicos que podem causar.

Comentários analisados, extraídos do *TikTok* como o da criadora @AnaCarla (figura 5), como “Mulher na PM chega a ser hilário kkkkkkkk” ou “Não faz barra, não faz flexão, não corre direito e quando corre ainda morrem kkkk pra quando entrar não fazer nada mais que ficar no carro de ronda kkkkkk... viu... uma piada mulher na PM!”, exemplificam de maneira evidente a persistência do machismo, sobretudo em espaços que são visto como tradicionalmente masculinos, como o da carreira policial.

Figura 05 *TikTok* @AnaCarla



Fonte: vídeos extraídos da plataforma TikTok (2024)

Essas manifestações revelam não apenas o preconceito estrutural presente nas plataformas digitais, mas também como determinados temas como a presença feminina em profissões consideradas “masculinas”, são mais suscetíveis à distorção e à ridicularização. A partir do contexto social e cultural em que esses discursos são disseminados, é possível perceber como eles impactam negativamente o estado psicológico e emocional das mulheres, reforçando estereótipos negativos, desestimulando a ocupação de espaços de poder e contribuindo para o adoecimento mental em ambientes digitais hostis.

A partir do embasamento teórico e da análise dos dados extraídos do *TikTok*, os resultados revelam uma realidade complexa, embora as plataformas digitais se consolidem como importantes fontes de informação e interação, elas também se configuram como espaços propícios à disseminação de *Fake News* e discursos de ódio. De acordo com dados do site Definição Marketing (2024), as mulheres representam a maioria entre os usuários de plataformas digitais, correspondendo a 57% do total, enquanto os homens somam 43%. Essa presença significativa, no entanto, não garante um ambiente neutro ou acolhedor, pois as dinâmicas digitais influenciam diretamente a forma como as mulheres percebem a si mesmas e o mundo ao seu redor. Essas interações nas plataformas resultam não apenas em transformações culturais e sociais, mas também em impactos psicológicos profundos. Segundo Silva (2023), o modo como a mulher é representada na mídia interfere diretamente em sua autoestima, liberdade de expressão e saúde mental, especialmente quando essas

representações reforçam padrões estéticos irreais, estereótipos negativos de gênero e discursos opressores. Nesse contexto, as plataformas digitais tornam-se espaços ambíguos: ao mesmo tempo em que possibilitam visibilidade e expressão, também expõem as usuárias a julgamentos, comparações e pressões constantes.

Esse cenário evidencia a urgência de uma reflexão crítica sobre o papel das plataformas digitais na construção de uma sociedade mais informada, segura e saudável. Um exemplo claro desse problema é o vídeo publicado por João Carlos, usuário da plataforma TikTok, no qual ele utiliza uma mulher como objeto de piada no trânsito, sugerindo que, para andar com ela, seria necessários “um capacete e uma bíblia”, comentário carregado de misoginia e alinhado à *hashtag* “mulher no volante”. A repercussão nos comentários, como “Você tem que colocar daqueles de trilha o capacete, porque a viagem não vai ser tão longa não”, extraído do TikTok de @joãoCarlos (Figura 06), reforça essa visão estereotipada e depreciativa. Essas manifestações contribuem para a perpetuação da ideia de que as mulheres são menos capazes ou inferiores em determinadas funções sociais, como a condução de veículos, ecoando frases ofensivas como “mulher no volante, perigo constante”, que reafirmam um padrão histórico de exclusão e inferiorização feminina.

Figura 06 *TikTok* @joãoCarlos



Fonte: vídeos extraídos da plataforma TikTok (2024)

Com isso, a passagem de um modelo de comunicação hierárquico, em que poucos veículos de mídia controlavam a narrativa, para um cenário de comunicação descentralizada, amplificado pelas plataformas digitais, transformou a dinâmica de consumo de informações. Como discutido por autores como Jacobi (2019) e Terra (2009), essa democratização da comunicação tem gerado uma fragmentação na forma de acessar e compartilhar informações, tornando as plataformas digitais um espaço onde qualquer pessoa pode produzir conteúdo, independentemente de sua formação ou veracidade das informações. Embora isso tenha permitido maior participação popular na construção das narrativas, também propiciou um aumento considerável de *Fake News*, um fenômeno particularmente preocupante no contexto feminino.

O impacto psicológico dessas desinformações, como apontado por Empoli (2019), é significativo, pois as mulheres são constantemente alvo de conteúdos distorcidos sobre questões relacionadas à saúde, direitos reprodutivos, violência de gênero e padrões estéticos. As *Fakes News*, ao serem disseminadas rapidamente, não apenas desinformam, mas também geram uma série de inseguranças psicológicas, como ansiedade e baixa autoestima. Isso se reflete na propagação de padrões de beleza irreais, comentários misóginos, muitas vezes associados a estética, conforme ilustrado nas imagens demonstradas aqui nos resultados e no decorrer desse trabalho. Isso reforça o que é destacado por Neves (2019), ao assinalar que agrava ainda mais as questões de saúde mental entre as mulheres.

No decorrer da presente pesquisa observou-se que as mulheres inseridas na política, muitas delas ativistas, sofrem com a intensificação da disseminação de *Fake News*, que ultrapassa o período das campanhas eleitorais e se estende por todo o mandato. Essa prática resulta na perseguição constante das lideranças femininas, reforçando desigualdades históricas e sociais, e gerando um ambiente de deslegitimação das vozes femininas no âmbito público e institucional.

Como observado por Freire et al. (2019), as mulheres, especialmente aquelas engajadas em causas feministas, se tornam alvo de campanhas de *Fake News* que visam desacreditar suas experiências e reivindicações. A constante polarização gerada por essas informações distorcidas, combinada com o sensacionalismo dos algoritmos das plataformas digitais, dificulta a promoção de um diálogo construtivo e a construção de um ambiente saudável para as mulheres. Este fenômeno não só enfraquece a luta por igualdade de gênero, mas também impede o avanço de discussões significativas sobre violência de gênero e feminismo.

Além disso, as *Fakes News* também alimentam estereótipos negativos de gênero sobre o movimento feminista, distorcendo suas intenções e apresentando as mulheres que o representam como radicais ou inimigas da ordem social estabelecida. Essas distorções, conforme Bertolin e Alves (2023), contribuem para a estigmatização do feminismo, dificultando a compreensão da igualdade de gênero como um direito legítimo e necessário, ao invés de um privilégio.

De acordo com os achados desse estudo podemos reafirmar que o *TikTok*, como uma plataforma que mistura conteúdo dinâmico e interação por meio de comentários e vídeos, tem se mostrado um terreno fértil para a propagação de estereótipos negativos de gênero e *Fake News*. Conforme Rodrigues (2023), as mulheres, especialmente as jovens, são frequentemente alvo de comentários misóginos e de *Fake News* que objetificam e desqualificam suas experiências, muitas vezes ligadas à sexualidade, empoderamento ou direitos reprodutivos. Esses ataques, muitas vezes amplificados pela viralidade dos conteúdos, têm um impacto psicológico devastador, gerando insegurança, distorcendo a percepção de si mesmas e criando um ciclo de autocritica.

Como observam Machado et al. (2023), o impacto desses comentários é ainda mais prejudicial quando combinados com *Fake News* que deslegitimam a fala das mulheres, resultando em um ambiente digital onde a expressão feminina se vê constantemente desvalorizada e negada. Isso cria um ambiente de intolerância e desconfiança que dificulta o avanço de um debate saudável sobre questões de gênero e igualdade.

Diante desse cenário, dentro das plataformas digitais, como *TikTok*, este estudo demonstra que o combate à *Fake News* e a promoção de uma alfabetização midiática de gênero tornam-se ferramentas fundamentais para mitigar os efeitos prejudiciais das *Fake News*. A alfabetização midiática de gênero, como argumentado por Barreto e Lopes (2020), deve ir além da simples identificação de informações falsas, buscando capacitar as mulheres e outros grupos marginalizados a questionarem e refutar narrativas distorcidas sobre gênero. Esse processo envolve uma reflexão contínua sobre o consumo de conteúdo, uma postura crítica em relação aos estereótipos negativos de gênero e uma compreensão mais profunda das relações de poder que sustentam a construção de narrativas.

No âmbito da Arquivologia, a análise dos comentários em plataformas digitais pode ser compreendida como uma abordagem inovadora para o entendimento dos registros informacionais contemporâneos. A partir dos resultados, observa-se que os comentários, enquanto manifestações espontâneas e interativas de usuários, constituem registros digitais

significativos, cuja preservação e gestão estratégica são fundamentais no combate à desinformação.

Nesse sentido, Queiroz (2024) argumenta que a administração arquivística desses registros digitais deve ser orientada por estratégias capazes de assegurar a integridade e a confiabilidade da informação digital. Com base no que diz a referida autora, pode-se inferir que essa necessidade se acentua em ambientes como o *TikTok*, onde a velocidade da comunicação e o volume de interações amplificam o risco de disseminação de *Fake News*. Os comentários, enquanto parte integrante da dinâmica informacional dessas redes, exigem uma atenção arquivística especial, pois também funcionam como evidências de recepção, interpretação e circulação de conteúdo.

É nesse contexto que ganha relevância a reflexão de Duranti (1994), ao propor que os arquivistas devem repensar seu papel social, revisitando os princípios fundamentais da profissão e estabelecendo novos objetivos alinhados às demandas contemporâneas. Tal reconfiguração é especialmente necessária quando se trata da documentação produzida no ecossistema digital, na qual os comentários desempenham um papel ativo na construção de sentidos e na mediação da memória coletiva.

Complementando essa perspectiva, Innarelli (2011) aponta que vivemos um período de transformações profundas nos modos de produção, circulação e apropriação dos registros informacionais, resultado direto do avanço contínuo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Nesse cenário, os comentários digitais não apenas registram interações, mas também refletem práticas sociais, culturais e políticas, tornando-se fontes relevantes para os estudos arquivísticos.

No *TikTok*, a circulação massiva de vídeos curtos, muitas vezes desprovidos de contexto ou verificação, amplia o risco de propagação de *Fake News*. Nessa tela, a gestão arquivística de dados surge como uma estratégia vital para garantir a autenticidade, e a integridade das informações compartilhadas. Ao estruturar os dados de maneira transparente e verificável, ela contribui para mitigar os impactos da *Fake News*, fortalecendo a confiança nas tecnologias digitais e nos sistemas de comunicação contemporâneos.

Os resultados desta pesquisa indicaram a adoção de uma perspectiva crítica e construcionista de gênero, evidenciada na forma como as *Fake News* disseminadas nas plataformas digitais impactam as mulheres. Verificou-se que essas informações falsas, ao se combinarem com estereótipos negativos de gênero historicamente consolidados, contribuem para a desvalorização simbólica da figura feminina, afetando negativamente a percepção social das mulheres, bem como sua saúde mental e emocional. Essa realidade revela um ciclo

de polarização e exclusão que dificulta o avanço da igualdade de gênero. A análise apoia-se na compreensão teórica de gênero como construção social, conforme proposto por Scott (1995), que o define como uma categoria relacional e estruturante das experiências sociais. Além disso, dialoga com Butler (2018), ao reconhecer que o gênero é performativamente produzido e reproduzido por práticas discursivas, como aquelas que circulam no ambiente digital.

Dessa forma, constata-se que as plataformas digitais funcionam como espaços de reforço de discursos opressores, embora também possam ser arenas de contestação e resistência. No qual torna-se urgente que a Arquivologia reformule, de modo a incorporar os comentários como objetos arquivísticos legítimos. Reconhecê-los como registros informacionais digitais implica não apenas preservá-los, mas também interpretá-los à luz de sua função social, contribuindo para uma prática arquivística mais crítica e inclusiva.

Por isso, se faz necessário, a promoção de uma cultura de responsabilidade digital, como sugerido por Spinelli e Santos (2020), tendo em vista, que é crucial para a criação de um ambiente online mais inclusivo e saudável, onde a disseminação de *Fake News* seja combatida de forma eficaz e o espaço digital se torne um local seguro para as mulheres. Para isso, é necessário o envolvimento de diversos setores da sociedade, como educadores, jornalistas, ativistas, arquivistas digitais e líderes políticos, para que políticas públicas e iniciativas de conscientização sejam implementadas, capacitando as pessoas a protegerem suas identidades e participarem ativamente na construção de uma sociedade mais equitativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho inicialmente abordou a transição das mídias tradicionais para as plataformas digitais e a transformação nos modos de produção e circulação da informação. Tal mudança tem impactado diretamente a disseminação de *Fake News* na plataforma *TikTok*, especialmente no que diz respeito à propagação de estereótipos negativos de gênero, os quais exercem influência significativa sobre a saúde mental das mulheres. Antes da popularização da internet, os meios tradicionais como rádio, televisão e jornais eram os principais canais de comunicação. Nesse contexto, Terra (2009) destaca a forte dependência da população em relação a essas fontes para acessar informações sobre o mundo, no entanto, com o advento das plataformas digitais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e, mais recentemente, o *TikTok*, essa dinâmica passou por mudanças significativas, descentralizando a produção de conteúdo e ampliando o alcance de discursos, inclusive os desinformativos.

As plataformas digitais proporcionaram uma democratização da informação, mas também trouxeram o desafio da proliferação de *Fake News*, como ressalta Jacobi (2019), que observa que a descentralização das fontes de informação facilita a disseminação de conteúdos falsos. Com isso, a pesquisa demonstrou que as *Fake News* provocam um impacto psicológico significativo, conforme destacado por Empoli (2019). Essas notícias falsas relacionadas a temas sensíveis como saúde, direitos reprodutivos e violência de gênero frequentemente reforçam estigmas, gerando um ambiente de insegurança e confusão entre as mulheres. Além disso, conforme observado por Neves (2019), essas informações enganosas alimentam padrões de beleza irreais, afetando diretamente a autoestima feminina e contribuindo para o desenvolvimento de sofrimento psíquico, como ansiedade e depressão.

Esses conteúdos, muitas vezes direcionados as mulheres, figuras públicas femininas ou relacionados à estética, saúde e sexualidade, reforçam ideias preconceituosas sobre o papel da mulher na sociedade. A propagação dessas desinformações por meio de vídeos e comentários carregados de julgamento moral contribui para a naturalização da misoginia e intensifica as pressões sociais impostas sobre o corpo, a conduta e a identidade feminina. Ao adotar esse recorte temático, busca-se demonstrar que as *Fakes News* vão além da mera inveracidade dos dados, elas configuram um mecanismo de opressão simbólica e emocional, cujas consequências são concretas e prejudiciais ao bem-estar psíquico e social das mulheres.

A análise de como as *Fakes News* afetam as mulheres nas plataformas digitais revela a estreita relação entre gênero. Segundo Freire et al. (2019), as *Fakes News* frequentemente refletem estereótipos negativos e preconceitos de gênero arraigados, deslegitimando a voz feminina e enfraquecendo a luta por igualdade. Cunha Júnior (2023) complementa afirmando que a propagação dessas informações falsas não apenas marginaliza as mulheres, mas também contribui para o silenciamento de suas experiências e lutas. Isso é particularmente evidente no contexto do movimento feminista, frequentemente alvo de *Fake News* que distorce suas demandas e enfraquece o progresso em direção a uma sociedade mais igualitária, como apontado por Bertolin e Alves (2023).

Dentro desse cenário, o *TikTok* se destaca como uma plataforma onde estereótipos negativos de gênero e *Fake News* se entrelaçam de maneira impactante. Como destacado por Rodrigues (2023), as mulheres são frequentemente alvo de comentários misóginos e desqualificadores, que combinam *Fake News* e estereótipos prejudiciais. A combinação desses elementos no *TikTok* cria um ambiente digital tóxico, afetando a autoestima e a saúde psicossocial das mulheres, especialmente as mais jovens, que são as usuárias predominantes da plataforma. Machado et al. (2023) acrescentam que esse fenômeno gera um ciclo de

desvalorização e autoquestionamento, impactando diretamente a identidade e o bem-estar das mulheres.

A análise dos resultados revela que as *Fake News* nas plataformas digitais têm um impacto significativo nas questões de gênero, afetando tanto a percepção social sobre as mulheres quanto sua saúde mental e emocional. A junção de preconceitos negativos relacionados ao gênero com dados incorretos gera um ciclo de desmerecimento e divisão, dificultando o avanço em direção à equidade de gênero. Nesse contexto, a arquivologia, com seu foco na autenticidade e na preservação da origem da informação, assume um papel fundamental, especialmente nas plataformas digitais como o *TikTok*. Torna-se necessário garantir que a origem das informações seja claramente identificada e preservada, oferecendo uma base sólida para a verificação de conteúdos e a proteção contra manipulações digitais.

Este estudo insere-se no campo da Arquivologia contemporânea ao tratar dos registros digitais informacionais, ampliando as fronteiras tradicionais da área ao considerar as plataformas digitais como componentes legítimos dos acervos digitais. Reconhecer os comentários digitais como registros arquivísticos implica compreender seu valor informacional, evidencial e social. Esses elementos, muitas vezes produzidos de forma espontânea por usuários, configuram traços documentais que expressam interpretações, reações e discursos que circulam em ambientes digitais altamente dinâmicos. Essa abordagem desafia os modelos tradicionais de classificação e preservação documental, ao passo que convoca a Arquivologia a desenvolver estratégias metodológicas capazes de lidar com a efemeridade e a multiplicidade desses registros

Tal perspectiva dialoga com desafios emergentes, como a desinformação e a circulação de narrativas manipuladas. A integração dos princípios de autenticidade documental às práticas de verificação fortalece a capacidade das mulheres de reconhecer e confrontar discursos distorcidos, contribuindo para a criação de espaços digitais mais inclusivos e livres de discriminação. Esse movimento não apenas impulsiona a cidadania digital feminina, mas também favorece a consolidação de ambientes mais justos, nos quais a equidade de gênero possa se concretizar de maneira mais efetiva. Ressalta-se, por fim, que esta investigação configura-se apenas como um ponto de partida sobre o tema. Reconhece-se que ainda há muito a ser pesquisado com perspectivas futuras no âmbito da Arquivologia, por meio de aprofundamentos teóricos e metodológicos.

REFERÊNCIAS

- ALESSI, Gil; VIEJO, Manoel. Empresários financiaram disparos em massa pró Bolsonaro no Whatsapp, diz jornal. El País. 18 janeiro 2019.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Arquivologia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 37, p. 61-82, 2013.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, n. 2, p. 32-47, 2016.
- BERTOLIN, Patrícia Tuma Martins; ALVES, Tamires Torres. Violência, política de gênero e fake news. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 24, n. 1, p. 59-80, 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.
- CAMPELLO, Bernadete; DA TERRA CALDEIRA, Paulo. **Introdução às fontes de informação**. Autêntica, 2018.
- CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade Vol. II—A Era da Informação: Economia. **Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COUTO, Camila Lacerda. A arquivologia nas redes sociais do ciberespaço. 2009.
- CONARQ. Diretrizes para a Presunção de Autenticidade de Documentos Arquivísticos Digitais. 2012
- CUNHA JÚNIOR, Ezequias Cardozo da et al. Violência escolar, desinformação e as fakenews sobre corpos, gêneros e sexualidades nas mídias e redes sociais. 2023.
- DA SILVA, Jessica Duarte. **Tecendo a Persistência da (s) Memória (s) Itinerários Exílicos no Século XX: Vieira da Silva e Daniel Blaufuks**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto (Portugal).
- DA SILVA MONTEIRO, Jean Carlos. TikTok como novo suporte midiático para a aprendizagem criativa. *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos*, p. 05-20, 2020.
- DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições (leia também O mago do Kremlin)**. Vestígio Editora, 2019.
- DE LIMA NASCIMENTO, Geysa Flávia Câmara et al. EXPLORANDO OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA: o papel do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular na preservação documental. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, p. 162-175, 2024.

DE PAULA, Lorena Tavares; DA SILVA, Thiago dos Reis Soares; BLANCO, Yuri Augusto. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, 2018.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

DE SÁ BARRETO, Cristiane Parente; LOPES, Mariana Ferreira. A alfabetização midiática e informacional nos observatórios luso-brasileiros: potencialidades para o combate à desinformação. **Estudos de Desinformação**, v. 21, 2020.

DE MOURA, Iuri Ianiski; DOS SANTOS BAHIA, Eliana Maria. **Luz, Câmera, Arquivos: O Arquivista Representado no Cinema**. Editora Appris, 2023.

DE LIMA, Izabel França et al. MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA E INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: PERCEBENDO LIMITES. **ALÉM DAS NUVEIS: EXPANDINDO AS FRONTEIRAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, p. 4812.

DO NASCIMENTO, Tássia Patricia Silva. **Jornalismo e Comunicação Social: Práticas Tradicionais e Novas Fronteiras Tecnológicas**. AYA Editora, 2025.

DUMER, Luciana; DE PINHO NETO, Júlio Afonso Sá; DE ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro. Bibliotecas contemporâneas: dos processos técnicos à busca por competências informacionais. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, p. 220-233, 2020.

DURANTI, Luciana. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Revista Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, p. 49-64, 1994.

EDUARDA CARNEIRO DA SILVA, Maria. **“UMA MULHER DURA CERCADA DE HOMENS MEIGOS”**: Análise de percepções sobre a violência política de gênero como opressão comum entre mulheres parlamentares e militantes de movimentos sociais no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Brasil: FLACSO Sede Brasil, 2023. DEFINIÇÃO MARKETING. Mulheres dominam as redes sociais: 57% dos usuários são do sexo feminino. 2024. Disponível em: <https://definicao.marketing/tiktok/estatisticas-tiktok/r>. Acesso em: 04 jun. 2025.

FAUSTINO, André. **Fake news: a liberdade de expressão nas redes sociais na sociedade da informação**. Lura Editorial, 2020.

FERNANDES, Thiago. **Fake News: A Raposa, o Lobo e a Menina**. Editora Appris, 2023.

FESTINGER, Leon. **Teoria da dissonância cognitiva**. Zahar, 1975.

FLORES, Jhancarla Velarde; RICHARTZ, Terezinha. A violência simbólica presente no estereótipo da mulher objeto na propaganda de cerveja no Brasil. **A representação do gênero feminino e a noção de diversidade na campanha “a beleza nos meus próprios termos# minhabelezaminhaescolha” da Dove..... 30 O imaginário e a semiótica na construção do feminino e do masculino na propaganda da cerveja Skol.....79**. 2020.

FREIRE, Débora Fabianne da Silva et al. Discurso e força estética das notícias falsas: um estudo sobre a configuração do gênero fake news. 2019.

HARTMANN, Ivar Alberto; IUNES, Julia. Fake news no contexto de pandemia e emergência social: os deveres e responsabilidades das plataformas de redes sociais na moderação de conteúdo online entre a teoria e as proposições legislativas. **Direito Público**, v. 17, n. 94, 2020.

INNARELLI, Humberto Celeste. Preservação digital: a influência da gestão dos documentos digitais na preservação da informação e da cultura. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 9, n. 1, p. 72-87, 2011.

JACOBI, Greison. Mídias sociais como fonte de informação de adolescentes e jovens em tempos de fake news. 2019.

JUNQUEIRA, Gabriela. Desmentindo fake news sobre o feminismo – Parte 2. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/desmentindo-fake-news-sobre-o-feminismo-parte-2/>. Acesso em 11 de mar. 2024.

KIM, Joon Ho. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. *Horizontes antropológicos*, v. 10, p. 199-219, 2004.

LANCASTER, F. W. Indexação e resumos: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEITE, Bruno Ferreira et al. O ensino de preservação nos cursos brasileiros de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. 2021

LUCCA, Giana; CHARÃO, Andrea Schwertner; STEIN, Benhur de Oliveira. Metadados para um sistema de gestão eletrônica de documentos arquivísticos. **Arquivística. net, Rio de Janeiro**, v. 2, n. 1, p. 70-84, 2006.

MACHADO, Lais Carvalho da Silva et al. Ciberativismo e Processos Decoloniais Articulados pelas Youtubers Negras: contribuições para uma formação universitária antirracista. 2023.

MARCHIONI, Artur. A Responsabilização das plataformas digitais sobre o conteúdo postado por terceiros: possibilidades no enfrentamento à disseminação de discurso de ódio e fake news. 2023.

MCARTHUR, Thomas Burns; MCARTHUR, Roshan (Ed.). **Concise Oxford companion to the English language**. Oxford University Press, USA, 2005.

MONTOYA MOGOLLÓN, Juan Bernardo; TROITIÑO RODRÍGUEZ, Sonia Maria. Diplomática Forense: revisão histórica para a abordagem do documento nato-digital de arquivo. **Investigación bibliotecológica**, v. 33, n. 78, p. 47-62, 2019.

NEVES, Barbara Coelho. Recursos que podem apoiar o bibliotecário no combate às Fake News nas mídias sociais. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 8, n. 2, p. 17-27, 2019.

MORAES, Fernanda. A Geração Z: Juventude e Transformações Sociais. Rabisco da História, 2025. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/a-geracao-z-juventude-e-transformacoes-sociais/>. Acesso em: 05 maio. 2025

OLIVEIRA, Jéssica. Você sabe o que é Cyberbullying? Jusbrasil, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/voce-sabe-o-que-e-cyberbullying/920166700>. Acesso em: 05 maio. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Mental Health Action Plan 2013-2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241506021>. Acesso em: 5 mar. 2025.

QUEIROZ, Anna Carla Silva de. Confiabilidade e segurança nos registros digitais: a gestão dos dados arquivísticos na emissão de diplomas digitais no Instituto Federal da Paraíba (IFPB). TESE. 2024.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. 1999.

RAHMEIER MARQUETTO, Cristine. Distinguindo conceitos de educação para mídia: Alfabetização midiática como objetivo. **ECCOM: Educação, Cultura e Comunicação**, v. 11, n. 22, 2020.

RASQUEL, Sandra Gomes. A influência da dinâmica grupal nas formas de recepção, interpretação e disseminação das fake news nas redes sociais digitais. **Verbum**, v. 9, n. 2, p. 92-115, 2020.

RODRIGUES, Mateus Nolacio. Fake news e seus reflexos nas eleições de 2018 e 2022: Um estudo comparado. 2023.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99**, 1995.

SILVA, Brendha Kelly da. Representações midiáticas da feminilidade: impactos na autoestima feminina. 2023.

SILVA, Karoline Maria Fernandes da Costa. Jogo Meias# Verdades: a contribuição da teoria da inoculação psicológica na prevenção da desinformação on-line e radicalização da política brasileira. 2024.

SIQUEIRA, Lavime Barbosa de Oliveira. A influência da plataforma TIKTOK e suas especificidades na construção de estratégias publicitárias para as outras redes sociais. 2022.

SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Alfabetização Midiática na era da desinformação. **ECCOM**, v. 11, n. 2, p. 147-164, 2020.

SOUZA, Mirelle Cardoso de et al. A atuação do bibliotecário na catalogação de jogos eletrônicos. 2025.

SOUZA, Luciana Gonçalves Silva et al. Preservação digital em Instituições de Ensino Superior: instrumentos para a oficialização e operacionalização da preservação de documentos arquivísticos digitais. 2020.

SOUZA, Rubens. **Arquivologia**. Editora Áudio Ltda, 2010.

TERRA, Carolina Frazon. A comunicação organizacional em tempos de redes sociais online e de usuários-mídia. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2009.

TIKTOK é invadido por áudios falsos de celebridades criados por inteligência artificial; Obama foi um dos alvos. Jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/10/13/tiktok-e-invadido-por-audios-falsos-de-celebridades-criados-por-inteligencia-artificial-obama-foi-um-dos-alvos.ghtml>. Acesso em: 05 maio. 2025.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rosa dos tempos, 2023

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Thinking about ‘information disorder’: formats of misinformation, disinformation, and mal-information. In: IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. Journalism, ‘fake news’ & disinformation: handbook for journalism education and training. Paris: UNESCO, 2018.

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. **Terapia do esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras**. Artmed Editora, 2009.